

e exportações, mas "com o devido pagamento de impostos".

Falta de fiscais e elevada carga tributária incentivam a prática

Fiscalização insuficiente e elevada carga tributária no país são dois dos principais fatores que estimulam o envio de produtos ao Brasil sem o pagamento de tributos, segundo especialistas consultados pela Folha.

Eduardo Ribeiro Costa, advogado especializado na área aduaneira, diz que a Receita Federal tem instrumentos eficientes -como o Siscomex (sistema informatizado responsável por controlar as operações de comércio exterior) para fiscalizar importações e exportações. Mas que algumas operações são feitas "à margem" desse sistema -caso das bagagens desacompanhadas.

"A Receita tem poucos recursos humanos para fiscalizar IPI, PIS, Cofins e outros tributos e ainda dar conta de fiscalizar toda a fronteira de um país com dimensões continentais."

Com um volume imenso de contêineres chegando ao país todos os dias, a prioridade é fiscalizar a entrada de drogas e de produtos piratas, diz o advogado Cassio Luiz de Almeida, especializado na área aduaneira. "Por isso, talvez a atuação dessas empresas [que cometem irregularidades], não chame ainda a atenção da Receita."

Para Richard Fernando, chefe da Divisão de Vigilância e Controle Aduaneiro da Alfândega de Santos, a fiscalização é suficiente "para inibir os fraudadores". No porto de Santos (SP), que representa 30% do comércio exterior do Brasil, existem 400 fiscais e analistas. Em 2009, foram apreendidos R\$ 299 milhões em mercadorias sem pagar imposto ou declaradas com falso conteúdo.

"Pelo porto passam por dia 6.000 contêineres. Se abrissemos todos, parariamos o comércio do Brasil. Mas o que abrimos é suficiente para criar risco aos fraudadores."

## BRASIL, URGENTE

Por: *Claudio Lessa*

Brasília (DF) - Brasil, urgente! Não, não é nome de programa de tevê. É urgência mesmo. As prioridades estão de cabeça pra baixo e ninguém parece se importar com isso. Mas, para um fazendão que pretende se tornar país e ocupar um lugar de ponta entre as economias mundiais num futuro não tão distante, as coisas vão de mal a pior.

Reforma política? Ficha limpa? Nem pensar. Um genuíno sentimento de podre compadrio joga noções como "ética" e "vergonha na cara" no lixo, impedindo que o próprio sistema consiga sair do esgoto. Reforma do judiciário? Fim da modorra? Esqueça. No ano da graça de 2010, dos computadores e da internet banda larga, ainda reinam os carimbos, os protocolos, os processos amarrados com barbante, as lucrativas apelações sem fim e os milagrosos "plantões" do STF que soltam um mesmo banqueiro duas vezes em quarenta e oito horas.

Na vida real do fazendão, dinosauros petralhas desocupados que aparelham os gabinetes do "pudê" e têm sinal verde para alugar os ouvidos do chefe do desgoverno defendem, por exemplo, o fim da exibição de séries americanas (especialmente as policiais) nos canais pagos de televisão - único local onde o telespectador ainda tem uma chance de escolher alguma coisa de nível um pouquinho mais elevado. A idéia é manter o público no escuro, sem noção de que existem métodos mais rápidos e certos de resolução de um crime - em vez do percentual pouco acima de 10% registrado no fazendão para crimes graves. Isso é "pudê".

Por falar nisso... No rádio, ouço que mais um garoto foi encontrado morto (além dos seis já desenterrados) e que ele, também, pode ter sido uma vítima do maníaco do Luziânia. Mas o teste de DNA só será feito na semana que vem. Pra que pressa, não é? Já está todo mundo morto, mesmo - até o suposto assassino...

Por e-mail, recebo (e rapidamente repasso) uma mensagem incrível, que acaba rendendo notícia de jornais, rádio e tevê no dia seguinte: um cearense inventou um poste de luz que não tem fiação e ainda alimenta outros dois, além dele mesmo. O poste aproveita a energia dos ventos e a energia solar - duas formas de energia que sobram no Brasil. De uma só tacada, o cearense cria uma forma de se iluminar praticamente todas as ruas e estradas do fazendão a custo perto de zero, já que não é necessário montar estrutura de distribuição (fiação) de energia. O custo do material empregado na fabricação dos postes é abatido com o passar do tempo vis-à-vis o dinheirão que se deixou de gastar com fios, pagamentos de contas de luz a fornecedores (por parte de governos e cidadãos, já que estes últimos têm amargado ultimamente na sua conta de luz residencial uma parcela de quase 20% a título de custear a iluminação pública).

A economia do fazendão - uma herança maldita do governo anterior, segundo a petralha - está em expansão acelerada. Um dos índices que demonstram isso é o aumento da construção civil. Ué, mas cadê os profissionais do setor? Não há pedreiros, encanadores, telhadeiros, instaladores especializados nos diversos aspectos de uma construção. Só há curiosos e oportunistas na praça, à espreita dos desavisados que, sem dúvida, perderão dinheiro

com a experiência.

Em Pernambuco e em outros estados do Nordeste, inúmeras empresas que se instalaram na região, mas vão ter que acabar importando mão-de-obra de São Paulo. O fluxo deverá ser inverso ao dos retirantes, que fugiram da seca no sertão e são cantados até hoje em prosa e verso. Por quê? No ano da graça de 2010, simplesmente não dá para trabalhar com analfabetos, nem os funcionais. Eles podem até servir para ouvir (e acreditar nas) arengas dos políticos e acabar bovinamente cabrestados por cabos eleitorais, mas para operar máquinas com um mínimo de sofisticação tecnológica num parque de produção, não. Por isso, cursos e mais cursos estão sendo montados para tentar reverter, de alguma forma, essa desesperadora situação, mas tudo indica que o esforço não será suficiente.

Qual é o denominador comum de tudo isso? Educação. Básica, elementar, média, técnica. No fazendão, terra dos espertos, nação do "é assim mesmo", começa-se pelo fim: analfabetos funcionais, em sua esmagadora maioria, são os detentores de diplomas de curso superior. Mas eles acabam no desespero de ter o canudo sem serem capazes de ter o que fazer com ele. Se sentem importantes porque têm diploma, mas não conseguem enfrentar (seja redigir, seja interpretar) uma redaçãozinha rastaquera ou resolver um problema de lógica simples num concurso público qualquer.

Atenção, Brasil! Urgente! Pare de endeusar jogadores de futebol e políticos semi-analfabetos! Se religião é o ópio do povo, isso aí a que estamos assistindo é um suicídio coletivo!